

# O REFLEXO DA PANDEMIA COVID-19 NA SAÚDE EMOCIONAL DE PROFESSORAS \* \*\*

*THEREZA CRISTINA REIS DE OLIVEIRA<sup>I</sup>*

*VANESSA DÓREA DE OLIVEIRA<sup>II</sup>*

---

<sup>I</sup> ORCID: 0000-0002-0408-3320. R. Arnaldo Crespo Pinto, 139 - Parque Aeroporto, Macaé - RJ, 27955-480 therezac@gmail.com Especialista em gestão de Escola Pública (FEMASS/CFCG) Especialista em Neurociência Pedagógica (AVM/UCAM);Licenciatura em Artes Plásticas (Universidade Salgado de Oliveira). Professora de ensino fundamental em rede pública.

<sup>II</sup> ORCID: 0000-0001-7539-5332. R. Granja Marazul, 151- Residencial Porto de Sauipe, Salvador- BA, 41750-180 vanessadoreal@hotmail.com. Graduação em Psicologia (UNIAGES) Pós Graduanda em Psicologia Hospitalar (UNIRUY – Salvador).Psicóloga do CRAS -BA (Centro de Referência de Assistência Social) Psicóloga do CAPS- BA (Centro de Atenção Psicossocial) Psicóloga Organizacional (GET EMPREENDIMENTOS LTDA)

\*Publicação original.

\*\* Data de submissão: 26/07/2020. Data de aceite: 07/12/2020. Data de publicação: 23/12/2020.

## RESUMO

Este estudo descritivo, na forma de relato de experiência, tem como objetivo apresentar a situação vivida por professoras de escola da rede pública municipal, na cidade de Macaé, situada na Região Norte Fluminense do Estado do Rio de Janeiro, destacando as condições emocionais mediante as mudanças comportamentais impostas pela pandemia. Esta análise efetivou-se no período entre os meses de março e agosto de 2020, durante os primeiros cinco meses da pandemia causada pela Covid-19 no Brasil, onde se instaurou como medida de controle do avanço do vírus o distanciamento social e a suspensão das aulas presenciais. A pesquisa, de base qualitativa e metodologia interrogativa, busca interface entre o estudo neurocientífico das emoções humanas e a prática docente, com o intuito de discorrer sobre as condições emocionais das profissionais mediante um quadro social de incerteza, estresse e medo. A partir da relevância da realidade observada, o artigo objetiva discutir a respeito das condições de trabalho, a adaptação do exercício pedagógico para modalidade remota, atenção dada à saúde mental das professoras e a possível influência desse conjunto na qualidade do serviço prestado à população. O estudo não se beneficia com uma conclusão fechada para os questionamentos aqui levantados em virtude da permanência do período de suspensão das aulas e distanciamento social até o término deste escrito.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Pandemia; Professora; Saúde emocional.

## INTRODUÇÃO

A condição de isolamento social é um dos motivos para o aumento de crises de ansiedade na população em 2020, “assim como o aumento nos registros de agressão doméstica e suicídio”<sup>1</sup>. A situação de pandemia acometeu todos os brasileiros e grande parte dos países pelo globo terrestre, apresentou uma conjuntura jamais imaginada de privação de liberdade, mudança brusca de rotina e hábitos, restrição a acessos, afastamento de pessoas e está levando a óbito milhares de indivíduos. O contexto trouxe para essa geração uma nova atemporalidade, forçando a desaceleração do sujeito. Ampliou diferenças sociais e aflorou sensações, sentimentos e emoções<sup>2</sup> (que por diversas vezes são renegadas).

Segundo a Organização Mundial da Saúde<sup>3</sup>, uma das consequências mais preocupantes que uma pandemia traz é o prejuízo na saúde mental. Acredita-se que a ansiedade seja uma das principais queixas da população que está impedida de realizar suas atividades rotineiras. A ansiedade desencadeia dificuldade de concentração, de memorização, de elaboração de pensamentos completos e de tomada de decisões. Também pode ser responsável por causar insônia, dúvida sobre a própria competência e diminuição de interesse em realizar atividades simples.

Este estudo é um convite ao questionamento de como a situação atual de pandemia poderá influenciar a continuidade do processo pedagógico através do espectro emocional de professoras da educação básica municipal, que serão responsáveis por acolher e estimular o desenvolvimento cognitivo dos alunos que retornarão ao ambiente escolar tradicional.

A proposta desta análise não é destrinchar cientificamente o vírus Sars-Cov-2, visto que cientistas do mundo inteiro, com tecnologias de ponta e equipes altamente capacitadas estão dedicadas a essa tarefa já há alguns meses. Tampouco a intenção seja decodificar a problemática psicológica que essa situação está provocando em grande parte da população. O objetivo caminha por problematizar a respeito da junção desses fatores inesperados em um recorte preciso que são as profissionais responsáveis pela manutenção contínua da escolarização básica brasileira em um futuro próximo. Ainda assim, o ponto em questão aqui desenvolvido não é a metodologia pedagógica que será utilizada para atender os alunos pós-pandemia. O núcleo do questionamento gira em torno de inquirir quais serão as condições emocionais das professoras que retornarão à suposta normalidade escolar.

## MATERIAIS E MÉTODOS

Com uma proposta metodológica que procurou observar a realidade vivenciada por professoras durante o processo de adequação das atividades pedagógicas para o sistema remoto, em uma pesquisa qualitativa, buscamos a interface entre os estudos atuais a respeito das consequências socioemocionais após situações catastróficas, as descrições neurocientíficas das emoções humanas e a prática docente. Alicerçamo-nos em autores como Roberto Lent, Marta Relvas e Eugênio Cunha para conjecturar a respeito do novo perfil emocional que as professoras poderão apresentar no período pós pandemia Covid-19. Essa preocupação foi embasada no objetivo que determina, dentro das competências gerais, o desenvolvimento de Habilidades Socioemocionais<sup>4</sup> ao escolar, conforme elucidada a nova Base Nacional Comum Curricular, também tratada como BNCC.

O texto organiza-se de forma a, primeiramente, elucidar o momento histórico atual de pandemia e do distanciamento social, discorrendo sobre as influências psicológicas e sociais já identificadas em estudos anteriores. Em seguida descreve o processo de instauração e adaptação do fazer pedagógico para atividades remotas. Como conclusão, interliga a influência das emoções de professoras no processo de ensino aprendizagem e as competências gerais da BNCC, com especificidade ao desenvolvimento das habilidades socioemocionais.

A razão que nos levou a considerar um recorte específico com foco em profissionais regentes do gênero feminino, excluindo propositalmente os homens, fundamenta-se na pesquisa feita pelo CENSO escolar de 2017<sup>5</sup> divulgado pelo Ministério da Educação em janeiro de 2018, que informa que 80% (oitenta por cento) dos profissionais de educação é composto por mulheres.

## RESULTADOS

Primeiro é preciso entender que pandemia é, segundo o dicionário virtual, uma “doença infecciosa e contagiosa que se espalha muito rapidamente e acaba por atingir uma região inteira, um país, continente etc.” A característica de espalhar-se muito rapidamente leva as organizações médicas, científicas e os governos a tomarem decisões

rápidas e drásticas a fim de controlar a disseminação do que estiver se espalhando e contaminando as pessoas, até que a ciência tenha informações suficientes para a elaboração de protocolos de prevenção, controle e tratamento.

O caso atual de pandemia trata-se de uma nova cepa (tipo) de coronavírus ainda não identificada em seres humanos, tem seu histórico iniciado recentemente em 31 de dezembro de 2019, quando a Organização Mundial da Saúde (OMS) foi alertada sobre vários casos desse novo tipo de pneumonia, que acomete o infectado com considerável rapidez, levando-o a óbito em pouco tempo, na cidade de Wuhan, província de Hubei, na República Popular da China. Em 07 de janeiro de 2020, uma semana após a notificação à agência internacional de saúde, as autoridades chinesas confirmaram que haviam identificado um novo tipo de coronavírus. Identificaram-no como novo visto que o esse vírus é comum e já conhecido pelo sistema de defesa do corpo humano, sendo responsável, juntamente com o rinovírus, pelo resfriado comum, raramente causando doenças mais graves em humanos, segundo informações divulgadas pela Organização Pan - América de Saúde. O novo coronavírus foi batizado de Covid-19 que significa *CO*rona *VI*rus *DI*sease (Doença do Coronavírus) enquanto “19” refere-se ao ano 2019<sup>6</sup>, quando os primeiros casos foram divulgados publicamente pelo governo chinês.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) reconheceu a Covid-19 como situação de pandemia por ter um alto potencial de contágio e incidência que aumenta exponencialmente a sua transmissão. Ainda segundo a OMS, essa não é a primeira pandemia enfrentada pela humanidade, porém, é a primeira com caso de infestação tão veloz em diversas localidades pelo mundo em tão pouco tempo.

Por tratar-se de um problema sanitário sem registros na literatura científica e, portanto, sem métodos de prevenção e tratamento eficazes, uma pandemia com as características da que estamos enfrentando representa uma ameaça e ao mesmo tempo denota o sentido de finitude, colocando os seres humanos de frente com o que talvez seja a sua emoção mais renegada: o medo da morte. Seja o medo da sua própria morte ou o medo da morte de alguém que lhe seja importante. A pandemia tem causado nas pessoas uma sensação de incapacidade, de vulnerabilidade, insegurança e todos esses fatores contribuem para gerar sentimentos de preocupação, de tristeza e medo. O medo, segundo Ornell; Schuch; Sordi e Kessler<sup>7</sup>, aumenta os níveis de ansiedade e estresse em indivíduos saudáveis e intensifica os sintomas naqueles com transtornos psiquiátricos preexistentes. Durante as epidemias, o número de pessoas cuja saúde mental é afetada tende a ser maior que o número de pessoas afetadas pela infecção.

Tragédias anteriores mostraram que as implicações para a saúde mental podem durar mais tempo e ter maior prevalência que a própria epidemia.

Por conta do medo, da falta de informação e da necessidade de rápida ação governamental, a pandemia tem inferências para além da esfera da saúde individual. Até que se compreenda minimamente o percurso do vírus e haja informações iniciais de manejo da situação, muitas mudanças foram e são aplicadas a toda população. Adaptações principalmente com caráter restritivo com o intuito de evitar aglomeração e contato entre as pessoas. Conforme o protocolo indicado pela OMS, o distanciamento social é tido como, em princípio, a maneira mais eficaz de evitar a proliferação rápida da Covid-19, o que explica estarmos desde fevereiro assistindo a ações como: fechamento de escolas, empresas e locais públicos; e insistente campanha para que as pessoas fiquem em suas casas o máximo possível e saiam apenas em caso de extrema necessidade. Alguns setores conseguiram rapidamente realocação frente às novas demandas e abrangeram o sistema de trabalho em casa – home-office – utilizando-se de ferramentas que utilizam a internet como suporte para a continuidade de suas atividades laborais. Porém, tantos outros setores, como o turismo direto, por exemplo, estão com suas atividades suspensas desde o início da pandemia. Todos esses fatores levam a uma nova organização, forçam o convívio familiar ininterrupto e podem provocar sentimentos de preocupação e desamparo.

Para os pesquisadores Ornell, Schuch, Sordi e Kessler<sup>7</sup>, o distanciamento social pode estar intensificando reações emocionais e comportamentais como medo, tédio, solidão, ansiedade, insônia, intolerância, raiva e angústia frente ao desconhecido. A convivência com situação de estresse por um longo período pode evoluir para transtornos psicológicos (ansiedade, ataques de pânico, depressão e estresse pós-traumático) de diferentes níveis. A neurociência, segundo Lent<sup>2</sup>, explica-nos que o medo é uma experiência subjetiva que aparece quando algo nos ameaça, e que provoca em nós a necessidade de luta ou fuga para que seja preservada a vida. Quando o medo se prolonga por muitos dias ou tem uma reincidência persistente, o indivíduo entra em ansiedade ou estresse. Ainda, de acordo com a neurociência, o uso do termo estresse é aplicado quando se pode identificar uma causa geradora de medo, já a atribuição de ansiedade dá-se pela tensão ou apreensão cujas causas não são necessariamente produtoras de medo<sup>2</sup>, mas sim da expectativa de alguma coisa que poderá ocorrer no futuro próximo. Nesse contexto, podemos citar: a incerteza sobre infecção e morte ou o temor de infectar familiares e amigos, perda do emprego, dificuldade financeira, reprovação no ano escolar, entre outras possíveis situações negativas não esperadas.

Comumente, em situações pandêmicas, a prioridade de gestores e órgãos da saúde é a de combate ao agente patogênico e suas perturbações físicas, conforme descreve Schmidt; Crepaldi; Bolze; Neiva-Silva e Demenech<sup>8</sup>, desprezando ou subestimando as necessidades de intervenção à saúde mental tanto das equipes que estão à frente do combate, como da população exposta, quanto na projeção de enfrentamento dos traumas pós-evento. Historicamente, é sabido<sup>7</sup> que as implicações psicológicas associadas a eventos de tamanha magnitude e perturbação social tornam-se mais duradouras e laboriosas do que o próprio acontecimento.

## A EDUCAÇÃO NÃO PARA

Após o término das festividades do Carnaval, em fevereiro de 2020, com o aumento incontrolável de casos e óbitos na Europa, o foco da pandemia estava na Itália. Com o surgimento de casos confirmados no Brasil, o governo municipal de Macaé<sup>10</sup>, através do decreto nº 030/2020, publicado em 16 de março de 2020, determinou a suspensão das aulas tanto para a rede pública quanto para a rede privada, em todos os níveis: da educação infantil ao ensino superior. Nas semanas seguintes outros decretos determinaram o fechamento do comércio, igrejas, academias e atividades laborais em todas as empresas de funcionamento na cidade, excetuando apenas as atividades configuradas como essenciais: hospitais, farmácias, padarias e mercados. Acrescido às ações locais, deu-se um crescimento substancial de informações a respeito de novos casos de contágio e óbitos no país e o temor pela possibilidade de o governo proibir todas as pessoas de saírem de suas casas, como ocorreu em alguns países na Europa e na Ásia. O termo *lockdown*, oriundo da língua inglesa, foi o mais utilizado para configurar essa restrição e tem a tradução literal de confinamento.

Junto a todas as manifestações governamentais, a falta de informações precisas sobre o ciclo de atuação do vírus e o excesso de notícias alarmantes levaram a população a um estado de desespero e pânico. Pessoas foram aos mercados e compraram o máximo de mantimentos, itens de limpeza, papel higiênico e álcool em gel. As prateleiras de diversos estabelecimentos ficaram desabastecidas tamanha a procura por toda sorte de produtos.

Em meio a esse quadro social de total desinformação e temor, ainda durante a primeira semana de distanciamento social e aulas suspensas conforme decreto municipal,

sem conseguir ainda entender a nova dinâmica familiar que agora se apresenta com todos os integrantes em tempo integral dentro da residência e preocupação com os familiares pertencentes ao grupo de risco, é que as professoras depararam-se com o lema “a educação não para”.

Segundo a equipe pedagógica, que assina o *blog* onde as atividades da rede pública municipal foram disponibilizadas, a intensão era que os alunos estudassem e realizassem os exercícios, dentro das possibilidades individuais, de forma autônoma, contribuindo para o desenvolvimento da disciplina e independência nos estudos. Para as professoras, a informação ressaltada foi a da importância do fortalecimento do vínculo escola, aluno e família.

Na segunda semana de suspensão das aulas foi solicitado que as professoras criassem grupos através do aplicativo de mensagem instantânea (*whatsapp*) a fim de incluírem os responsáveis dos alunos de suas turmas, colaborando com a comunicação direta. Para esse novo meio de comunicação, as profissionais tiveram que usar os seus próprios aparelhos celulares, assim como disponibilizar seus números de contato privado e arcar com a conexão de internet. Caso a profissional não se sentisse confortável de utilizar o seu número de telefone pessoal, poderia custear a aquisição de um novo aparelho e/ou número telefônico que destinaria ao trabalho. A solução possível, imediata e de baixo custo para o sistema pareceu ser a utilização em massa dos meios de comunicação virtuais, através de aparelhos celulares, computadores e conexões de internet pessoais, desconsiderando as necessidades já impostas pela situação coletiva e as possibilidades das profissionais e das famílias assistidas pela educação formal.

Durante os meses de abril e maio, outras ações para a realização das atividades remotas foram postas em prática, como a distribuição dos livros didáticos e apostilas com as atividades programadas pelos docentes. A essas práticas agregou-se publicação das atividades nos grupos de *whatsapp*, administrados pelas professoras, e em páginas de redes sociais, blogs e envios por *email*.

No decorrer do mês de maio, a população parecia estar adaptada ao sistema de distanciamento social e às atividades remotas, porém a interação com os alunos em resposta às atividades propostas pelas professoras, através dos aparelhos celulares, não apresentou consistência. A justificativa de muitas famílias foi que não possuíam telefones celulares ou o plano de dados que possuíam era insuficiente para baixar imagens, áudios ou assistir aos vídeos indicados. Em contrapartida, as professoras transformaram cômodos de suas casas em salas de aula, adquiriram computadores, equipamentos de apoio e telefones celulares mais modernos com o objetivo de adaptar as aulas presenciais para o vídeo.



A partir desse cenário, a demanda de adaptação por parte das profissionais cresceu exponencialmente, exigindo não somente o investimento em equipamento como em desenvolvimento de habilidades até o momento não pertinentes à função de professora. Há professoras que já estavam habituadas com as práticas e metodologias virtuais de forma a reforçar a prática presencial, concedendo, em certa medida, uma vantagem, não sobre as demais visto que não se trata de uma competição, mas sobre suas próprias realidades, visto que há em todos os âmbitos necessidades em demasia para serem reorganizadas. Em extremo oposto, acompanham-se, em grande número, professoras que sem nenhuma formação foram catapultadas a exercer práticas educacionais a distância.

É sabido que por conta do estado de calamidade instaurado pela pandemia era impossível prever retorno às atividades normais e todas as ações que se seguiram foram no intuito de que houvesse o menor prejuízo possível tanto para a saúde quanto para a educação escolar. Ainda assim, é notório que as condições emocionais dos alunos, famílias e professoras foram totalmente negligenciadas durante todo o processo de adaptação para as atividades remotas.

O adoecimento mental dessas profissionais não é um problema atual e, com a pandemia, tem estado mais aparente. Toda essa demanda profissional e a necessidade de reinventar-se de maneira rápida e urgente potencializa a vivência estressante que a situação pandêmica constitui, como já vimos anteriormente, ocasionando um sofrimento psíquico.

Há quem considere, nessa situação, algo de positivo tendo em vista que a pandemia forçou uma mudança na escola já tão tendenciosa à repetição dos paradigmas estabelecidos<sup>11</sup>, acostumada a mudanças lentas e geracionais, obrigando-a a mudanças bruscas e rápidas, trazendo a desestabilização do fazer pedagógico já engessado há mais de um século e fortemente combatido, principalmente pela nova geração de alunos, obrigando instâncias educacionais inteiras a reverem suas práticas metodológicas. Ainda assim, é necessário cautela ao considerar a inclusão da tecnologia, pois “o fato de o professor ser usuário de tecnologia não lhe garante a transposição didática”, conforme relata Monteiro<sup>12</sup>.

Ainda segundo Monteiro<sup>12</sup>, a transposição didática é uma habilidade a ser desenvolvida através das transformações necessárias ao processo de ensino e aprendizagem, quer seja dos recursos a serem utilizados, quer seja do próprio saber, e não meramente replicação da prática de sala de aula em ambientes digitais. Cunha<sup>11</sup> complementa esse pensamento quando afirma que a grande questão das novas tecnologias

está na diferença entre a maneira que a escola ensina e como os alunos aprendem.

Talvez estejam corretos os que creem nessa positiva possibilidade de mudança. Ainda assim, os questionamentos que ficam são: a que preço? Ao enlevo do nervosismo, do cansaço, da vergonha e do medo das professoras?

Sendo a professora aquela que assume efetivamente a responsabilidade de ensinar e provocar desafios inerentes ao processo de mudanças do aprendente<sup>13</sup>, a atualização da profissão docente é necessária, real e urgente, porém, perpassa diretamente pelo modo de vida do profissional que faz da sua prática um testemunho do que ensina<sup>14</sup>. E como retornar às aulas com a demanda de afagar e ajudar na cicatrização emocional de um aluno esgotado se as próprias professoras estão imersas em medo e dúvidas? Como ser capaz de reinventar a própria profissão vivenciando uma crise emocional? Como controlar a angústia diante do desconhecido?

As emoções constituem-se conjuntos de reações químicas e neurais que provocam experiências subjetivas em quem a vivência<sup>2</sup>, a depender da intensidade da emoção, podem ocorrer manifestações físicas e alterações neurobiológicas. A longa exposição a circunstâncias que provoque a emoção de medo aumenta o nível de hormônios como cortisol e adrenalina, levando o indivíduo ao estresse e à ansiedade. Estresse e ansiedade interferem diretamente no poder de tomada de decisão consciente, qualidade do sono, capacidade de concentração, entre muitos outros prejuízos. Para o psicólogo estadunidense<sup>15</sup>, o “ser humano tem a capacidade manifesta ou latente de compreender-se a si mesmo e resolver seus problemas de modo suficiente para alcançar a satisfação e eficácia necessária ao funcionamento adequado”, possibilitando a promoção de aprendizados através das adversidades e da verificação das emoções vividas.

Realizar tantas mudanças fica mais difícil com as questões pessoais dispersando a atenção da profissional. Preocupações com a saúde da família, o emprego, o equilíbrio emocional, viabilização do trabalho pedagógico remoto, construção de novas estratégias com objetivo de manter o vínculo entre escola, aluno e família durante esse momento, além de se preocupar com o suporte financeiro da casa, o excesso de informações falsas e dúbias e todas as incertezas apresentadas pelo momento refletem e interferem diretamente na forma de lidar com os alunos<sup>16</sup> e com a projeção futura. Embora, para Nóvoa<sup>17</sup>, “pensar o futuro seja um exercício arriscado e, muitas vezes, fútil”, sabemos ser impossível abstraí-lo.

## RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo a escola um ambiente instável e para onde convergem todos os pontos dissonantes da cultura, exercer a profissão de professora nunca foi fácil. Imersas a crises sanitárias, econômicas e sociais, as professoras precisam estar ainda mais preparadas para lidar com divergentes situações, além das suas próprias. A capacidade de perceber-se em distinção aos outros, reconhecer seus estados de ânimo, temperamento, motivações, intenções e limitações é uma habilidade que contribui para o trato direto sobre outros indivíduos.

Há quem esteja preocupado com avaliação, notas, validação de ano escolar e aprovação no ENEM, ignorando toda a situação de medo, estresse e ansiedade que a sociedade de modo geral está vivendo. Acreditamos que a relação entre escola e família possa criar uma rede de proteção e acolhimento emocional mais eficaz a esse momento de crise que afeta a todos nós, indistintamente, através da comunicação afetiva. É possível que isso seja, para este ano letivo, mais relevante que o currículo.

Essa situação de pandemia reforça a incerteza dos dias e nos lembra que não temos controle sobre os acontecimentos da vida. Que existem situações que fogem do nosso controle e da nossa responsabilidade. Vem nos lembrar, conforme o Professor Eugênio Cunha<sup>11</sup> definiu, que a escola é feita por pessoas e para pessoas e que desconsiderarmos as emoções dos envolvidos nos processos educacionais é, antes de tudo, desconsiderar o trato entre as pessoas.

É a disponibilidade da professora em ouvir o aluno que o fará querer permanecer no processo escolar, mas é preciso ouvir a professora, para que ela se sinta amparada e em condições de amparar. Vivemos em sociedade e um depende e interfere no viver do outro, de forma consciente ou despropositadamente.

É importante considerar que os alunos do futuro dependem das professoras do momento presente, e são essas profissionais que precisam ter suas habilidades emocionais trabalhadas, auxiliadas, para que estejam com a saúde emocional adequada, vivenciando este momento de acolhida, a fim de tornarem-se gestoras de suas vidas pessoais e possibilitarem que a educação seja eficaz conforme os preceitos federais.

Para Paulo Freire<sup>14</sup>, não é possível que um professor ajude a um educando a superar sua ignorância se o próprio professor não estiver em permanente superação. Também por esse raciocínio acreditamos que este pode ser o momento para que haja um trabalho multidisciplinar, envolvendo psiquiatras, psicólogos, terapeutas, pedagogos e

demais especialistas em comportamento humano, voltados para a força de trabalho escolar, em busca de levar a todos a conscientização e a vivência sobre a importância da saúde mental através das práticas de autoconhecimento e autoavaliação.

Tal qual evidenciado pela BNCC (2018) “conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional”, acreditamos que tal prática configure investimento na qualificação das profissionais de educação, promovendo o bem estar e a manutenção das formações continuadas como prática de preparação e planejamento para a educação pós pandemia Covid-19.

## REFERÊNCIAS

1. Marques, E. S; Moraes, C; Hasselmann, M. H; Deslandes, S. F. D; Reichenheim, M. E. A violência contra mulheres, crianças e adolescentes em tempos de pandemia pela Covid-19: panorama, motivações e formas de enfrentamento. Cadernos de Saúde Pública. Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca. FIOCRUZ. Disponível em <http://cadernos.ensp.fiocruz.br/csp/artigo/1033/a-violencia-contra-mulheres-criancas-e-adolescentes-em-tempos-de-pandemia-pela-Covid-19-panorama-motivacoes-e-formas-de-enfrentamento> Acessado em 21 de junho de 2020.
2. Lent, R. Cem bilhões de neurônios? Conceitos fundamentais da neurociência. 2ª edição. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. Editora Atheneu. 2010.
3. Organização Mundial da Saúde. O impacto da pandemia na saúde mental das pessoas já é extremamente preocupante. Disponível em <https://nacoesunidas.org/oms-o-impacto-da-pandemia-na-saude-mental-das-pessoas-ja-e-extremamente-preocupante/> Acessado em 20 de junho de 2020.
4. Brasil. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.
5. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Notas Estatísticas: Censo da Educação Básica 2017 [recurso eletrônico]. – Brasília : Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2018. [https://drive.google.com/file/d/1diB1miZTKvuVByb9oXIXJgWbIW3xLL\\_f/view](https://drive.google.com/file/d/1diB1miZTKvuVByb9oXIXJgWbIW3xLL_f/view) Acessado em 22 de junho de 2020.
6. Fundação Oswaldo Cruz- Fiocruz. Disponível em <https://portal.fiocruz.br/pergunta/por-que-doenca-causada-pelo-novo-virus-recebeu-o-nome-de-Covid-19> Acessado em 20 de junho de 2020.
7. Ormell, F; Schuch, J. B; Sordi, A. O; Kessler, F. H. P. Pandemia de medo e Covid-19: impacto na saúde mental e possíveis estratégias. Revista Debates Em Psiquiatria. Disponível em <http://www.academia.edu/download/63220777/PandemiademedeCOVID-19impactona20200506-102677-146aa84.pdf> Acessado em 21 de junho de 2020.
8. Schimidt, B; Crepaldi, M. A; Bolze, S. D. A; Neiva-Silva, L., & Demenech, L. M. (2020). Saúde mental e intervenções psicológicas diante da pandemia do novo coronavírus (Covid-19). Estudos de Psicologia (Campinas), Disponível em [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-166X2020000100501&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2020000100501&tlng=pt) . Acessado em 21 de junho de 2020
9. Couto, E. S; Couto, E. S; Cruz, I. M. P. #FIQUEEMCASA: Educação na pandemia da Covid-19-19. Revista Interfaces científicas. Educação. V 08. N 03. 2020. Fluxo contínuo.
10. Macaé; Decreto municipal N°030/2020; Publicado em 16 de março de 2020.

## REFERÊNCIAS

11. Cunha, E. Afeto e Aprendizagem – Relação de amorosidade e saber na prática pedagógica. Rio de Janeiro. WAK editora. 2017
12. Monteiro, S. S. (RE)Inventar Educação Escolar No Brasil em tempos de Covid-19. Rev. Augustus | ISSN: 1981-1896 | Rio de Janeiro | v.25 | n. 51 | p. 237-254 | jul./out. 2020.
13. Relvas, M. P. Neurociência na prática pedagógica. Rio de Janeiro. WAK editora. 2012
14. Freire, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 25ª edição. 2002. São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura)
15. Rogers, C. Tornar-se Pessoa. Martins Fontes, 2009.
16. Codea, A. Neurodidática: fundamentos e princípios / André Codea. Rio de Janeiro. WAK editora, 2019.

